

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
COORDENAÇÃO

TOLOGIA

FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80
à atualidade

iu

O CHORO DO HOMEM NEGRO¹

Alain Mabanckou

Alain Mabanckou nasceu no Congo-Brazzaville em 1966. Poeta, ensaísta, romancista, publicou o seu primeiro livro de poesia em 1993 (*Au jour le jour*), o seu primeiro romance em 1998 (*Bleu-Blanc-Rouge*) e o seu primeiro ensaio em 2007 (*Lettre à Jimmy*). Recebeu, entre outros, o *Prix Renaudot* para *Mémoire de porc-épic* (2006), o Grand Prix de la Littérature Henri-Gal para a sua obra completa (2012). No seu ensaio, *Le sanglot de l'homme noir* (2012), Mabanckou desvia o título do ensaio de Pascal Bruckner *Le Sanglot de l'homme blanc* (1983). *Le sanglot de l'homme noir* é composto por uma dúzia de reflexões que “podem todas remeter para a problemática da identidade do Negro, [...] que vive na França metropolitana e que [...] fez deste território a sua segunda pátria” (Kangomba 2014²). O primeiro capítulo dá o título à obra. Os títulos dos outros onze capítulos também são emprestados a vários autores e servem de “rampas temáticas para uma série de problemáticas relacionadas com o lugar do Negro num mundo globalizado” (*ibidem*).

¹ Mabanckou, Alain (2012). *Le Sanglot de l'homme noir*, Paris, Fayard, pp. 9-10, 12, 13-16.

² Kangomba, J.-C. (2014). *Le sanglot de l'homme noir* (Alain Mabanckou) [Chronique]. Intersections littéraires d'Afrique et des Caraïbes. <http://www.littafcar.org/contenus/79/chronique>

Meu querido Boris,

A França tem mantido relações bastante complexas com África. Certamente os livros de história já te terão ensinado mais do que eu alguma vez te poderia dizer a este respeito. Nestas relações, houve altos e baixos. Há quem te dirá que se deve culpar a França, acusá-la de todos os pecados. Cá para mim, sou daqueles que defendem que a história africana ainda está por escrever com paciência, com serenidade. Não fazer pender a balança nem para um lado, nem para outro. Outros africanos pedirão mais África, e, no seu zelo, conseguirão convencer-te de que, uma vez que o Continente Negro é considerado o berço da humanidade, a Europa deveria ceder, pagar pelos danos que nos causou ao longo dos séculos de escravatura, durante as décadas de colonização, e sei lá o que mais.

No seu ensaio *Le Sanglot de l'homme blanc* [O choro do homem branco], Pascal Bruckner evoca a “aflição” dos europeus, esta culpa que, segundo ele, decorre do ódio que têm por si próprios quando se debruçam sobre o seu passado, nomeadamente sobre as páginas do colonialismo e do capitalismo³. Afirma que a má consciência distorce a forma como olham para o terceiro mundo e leva para uma visão esquerdista, simplista, maniqueísta. Uma forma muito própria de se *arrependerem* e de procurarem a redenção. Bruckner exorta os europeus a orgulharem-se do que alcançaram, em vez de serem continuamente e inutilmente invadidos por um sentimento de *arrependimento*.

Desviando o título do filósofo, dir-te-ei que existe, hoje em dia, o que chamarei de “o choro do homem negro”. Um choro que se ouve cada vez mais e que definirei como a tendência que está a levar alguns africanos a explicar as desgraças do Continente Negro – todas as suas desgraças – através do prisma do encontro com a Europa. Estes africanos em choro têm alimentado, sem descanso, o ódio

³ Pascal Bruckner, *Le Sanglot de l'homme blanc*. Tiers-Monde, culpabilité, haine de soi, Seuil, 1983.

contra o Branco, como se a vingança pudesse fazer desaparecer as ignomínias da história e devolver-nos o alegado orgulho violado pela Europa. Quem odeia cegamente a Europa é tão doente como quem se baseia num amor cego por uma África do passado, imaginária, uma África que, supostamente, atravessou os séculos tranquilamente, suavemente, até à chegada do homem branco que veio perturbar um equilíbrio perfeito. (...)

Os Negros em choro estão convencidos de que a nossa sobrevivência depende da aniquilação da raça branca, ou, pelo menos, da inversão dos papéis no decorrer da história. Para eles, o Branco deveria, nem que seja durante umas poucas horas, sentir o que significa ser um Preto neste mundo. Ora, no seu inconsciente, tal como afirmava Frantz Fanon⁴, arrastam o sonho de serem Brancos até ao fim dos tempos (...).

Meu querido, a pior das intolerâncias é aquela que vem dos seres que são parecidos contigo, os que têm a mesma cor de pele como a tua. O fanatismo experimenta-se primeiro entre homens da mesma origem, antes de se ir propagando a outras “raças” com uma virulência alimentada pelo espírito de vingança.

Quando era estudante em Paris nos anos noventa, passava horas a ouvir os “ativistas da palavra negra” que pregavam em frente a Beaubourg (centro nacional de arte e cultura Georges Pompidou). Muitos deles nem tinham lido Cheikh Anta Diop que citavam nos seus discursos. Convencidos de que eram os discípulos deste historiador senegalês – cujo pensamento, no entanto, se focava na ciência e no desejo de perceber o Continente Negro –, exibiam a ambição execrável de levantar uma raça contra outra. Propagandistas demagógicos antiquados, exortavam os Brancos a se ajoelharem perante a superioridade das civilizações negras. Ora, pensando melhor, perguntava-me, naquela altura, se não haveria algo irritante nesta forma de reivindicar a primazia das origens.

⁴ *Peau noire, masques blancs* [Pele negra, máscaras brancas], 2ª ed. ‘Points essais’, Seuil, 1995, p. 185.

No teu caso, Filho, tens de perceber o que esta “primazia” te poderia trazer, de que forma é perigoso contentar-se com ela, uma vez que tens de atuar sobre o presente, preocupar-te com o teu futuro e o dos teus descendentes. Os Negros foram os primeiros, dizem os africanos em choro? Respondo-lhes: Ótimo! E faço-lhes a pergunta que normalmente os incomoda: O que fazer agora?

Em França, onde nasceste e onde vives, não conheço qualquer movimento de “consciência negra” que tome o seu presente nas suas próprias mãos, uma vez que os nossos “ativistas” continuam com o olhar fixo no retrovisor. Estabeleceram, assim, uma união baseada neste passado mítico em vez de a assentar nas suas preocupações diárias. Atrás destas ideologias comunitárias de fachada, é, indiretamente, um apelo à piedade pelo Preto que é lançado. Ora, a salvação do Preto não passa pela comiseração nem pela ajuda. Se fosse só isso, todos os danados da terra teriam mudado o curso da história. Já não basta afirmar ser preto, gritá-lo numa praça pública, para que, na memória do outro, desfilem quatro séculos de humilhações. Já não basta afirmar ser do Sul para exigir assistência como sendo um dever do Norte. Pois, a assistência não passa da extensão insidiosa da escravização.

Por outro lado, ser negro já não significa nada, nem para os próprios Pretos. Enquanto esperarem pela salvação do lado da comiseração, os seus únicos interlocutores serão os seus próprios irmãos: não para lhes lembrar que as suas nações são independentes desde os anos sessenta, mas sim para lhes cuspir os paleios dos falsos profetas que supostamente falam em nome duma comunidade negra que nem existe em França. Aliás, o que poderia justificar a sua existência?

Os africanos não se conhecem uns aos outros, sublinhei em *Lettre à Jimmy*⁵ [Carta ao Jimmy]. Devido à diversidade e fragmentação da África, a cultura de um país não é necessariamente a mesma noutra. Os defensores da colonização poderão argumentar que a Europa

⁵ Fayard, 2007

permitira o diálogo entre os povos do Continente Negro, uma vez que, para se entenderem, os africanos utilizam, na maioria das vezes, as línguas herdadas dos seus antigos donos. Aos Negros que vivem em França, ou até na Europa, estranhos uns aos outros, falta uma conscientização baseada *noutra lógica* sem ser a da cor da pele e pertença a um mesmo continente ou à diáspora negra. Os Negros americanos desenvolveram esta conscientização ao longo da sua tumultuosa história. Porque sabiam que a terra onde tinham chegado acorrentados era o espaço em que deveriam lutar para a sua aceitação e para se tornarem finalmente americanos. Por conseguinte, a ideia duma comunidade negra baseada no passado e não *na vivência* no solo francês, com os franceses, seria uma quimera soldada pela regressão e o isolamento. Ao adotar a postura sistemática daqueles que gostariam de instalar uma comunidade em França a partir do exemplo dos Negros americanos, os africanos em choro juntam-se à facção do desnorreamento, aquela do pensamento por atalho. A sua anemia – incubada durante muito tempo e confundida com a angústia da sua miséria diária – transmite-se de geração em geração. Dirigi-te esta carta como um sinal de alarme para nunca caíres nesta armadilha. Nascestes aqui, o teu destino está aqui, e não o deverás perder de vista. Pergunta a ti próprio o que dás a esta pátria sem esperar qualquer recompensa da parte dela. Porque o mundo é assim: há mais heróis na sombra do que na luz do dia.

O teu pai.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE
FRANÇOISE BACQUELAINE
Universidade do Porto